

RESENHA*

JOURDAN, Camila Alves. *Entre Monstros e Naufrágios: o Imaginário Grego sobre a Morte no Mar*. São Paulo: Fonte Editorial, 2020. 196 p.

Mateus Mello Araujo da Silva**

A produção acadêmica de História Antiga no Brasil, em específico aquela sobre a Grécia, já forneceu estudos relevantes tratando individualmente das navegações, dos contatos, das criaturas monstruosas ou das concepções antigas sobre a morte. Todavia, a publicação de Camila Alves Jourdan articula todas essas questões de maneira oportuna em um trabalho que se utiliza desse recorte como uma janela privilegiada para compreender as representações sociais construídas pelos gregos.

A obra, provinda de sua tese de Doutorado e de seu interesse de longa data pelas questões do mar, conforme confidencia a autora na introdução de seu livro, propõe tratar das representações sobre a morte no mar. Para isso, passa pelas questões do reconhecimento desse espaço, dos perigos monstruosos que o habitam, da morte ocorrida ou ocultada através do meio marítimo e das divindades e conhecimentos práticos necessários para se evitarem ou mitigarem os efeitos danosos apresentados.

Para tal, em seu *primeiro capítulo*, após considerações sobre a historiografia do Mediterrâneo e da mediterraneização, Jourdan trabalha com o extenso campo semântico grego de caracterização do mar. Isso não se dá somente por um exercício de erudição; a partir das múltiplas formas de se nomear o meio marítimo, ela abre caminho para as maneiras, também variadas, de os gregos qualificarem-no e compreendê-lo. A depender do período, do autor e da obra em questão, o mar pode ser fértil ou infértil, um

* Recebido em: 02/08/2020 e aceito em: 01/09/2020.

** Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense (PPGH-UFF). Membro do Núcleo de Estudos de Representações e de Imagens da Antiguidade (Nereida/UFF). Bolsista Capes.

meio para se ganhar a vida ou perdê-la. E sem buscar reduzir sua interpretação dessa variedade de concepções, muitas vezes conflitantes, a autora abraça essa polissemia, recorrendo ao conceito-chave de ambiguidade. Mas esse meio não conecta apenas os homens entre si, pois os navegantes também são colocados em contato com os deuses e os mortos.

E esse contato dos homens com o fantástico no mar também é evidenciado pelo seu constante medo dos monstros marinhos, objeto de análise do *segundo capítulo*. Jourdan ainda empreende uma catalogação pertinente de um conjunto de monstruosidades que habitam o mar ou sua proximidade, evocando o temor daqueles que navegavam. Ter parte de sua tripulação devorada por Scyla ou sua embarcação completamente destruída por Caríbdis eram temores reais dos navegantes. Na sua caracterização, a autora não utiliza como recurso somente as composições literárias de poetas arcaicos, embora sua contribuição vital para a formação das representações sociais dos gregos sobre o mar. Ela também maneja, de forma louvável, as representações iconográficas da cerâmica grega, reconhecendo suas relações complexas, não hierárquicas e muitas vezes não lineares, com as narrativas poéticas.

Essas monstruosidades poderiam ser as causadoras de mortes no mar, assunto do *terceiro capítulo* e centro da argumentação. Após outra discussão teórica no início dessa seção, tratando dos estudos históricos e antropológicos sobre a morte, a autora disserta sobre as relações que os gregos estabeleciam com os mortos. A necessidade de se demonstrar piedade aos deuses e efetuar o rito de passagem, conferindo ao morto uma nova vida social, demandavam da comunidade um esforço de perpetuação da memória, com a finalidade de evitar a verdadeira morte, o esquecimento. Com isso, morrer no mar, longe do ambiente civilizado e muitas vezes com a impossibilidade de recuperação do corpo sem vida, era um perigo particularmente grave no contexto da forma grega de se lidar com a morte.

Mas, apesar do desafio, os gregos encontravam maneiras de presentificar o ausente e erigir monumentos funerários para a perpetuação da memória daquele que falecia no mar e não havia tido o corpo recuperado para a efetuação dos ritos fúnebres tradicionais. A ausência de materialidade não significava necessariamente o esquecimento. Os cenotáfios e os epigramas fúnebres reconheciam essa ausência e, à sua revelia, mantinham a memória do morto no mar, por meio de seu nome e, em alguns casos, por sua ocupação e pela circunstância de falecimento.

Contudo, a atenção dispensada à materialidade no segundo capítulo (enquanto conjunto de suportes com testemunhos alternativos àqueles da tradição literária) não encontra a mesma ênfase no quarto. Embora não prescindia de considerações gerais e oportunas sobre enterramentos e monumentos funerários, o texto aí não apresenta estudos de caso sobre esses monumentos considerados em sua materialidade ou sobre as inscrições gravadas em numerosos deles. Os casos analisados se concentram nos epigramas funerários da *Antologia Palatina*. Essas composições, legadas à posteridade, não em sua materialidade epigráfica, se é que essa existiu, têm grande valor para a compreensão do imaginário grego, assim como os poetas arcaicos na análise no segundo capítulo. Mas não se podem extrapolar imediatamente suas elaborações para o conjunto da experiência cotidiana grega diante da morte. Isso demonstraria o emaranhamento das práticas poéticas epigramáticas com as práticas epigráficas no estudo desse capítulo, quando ambas não estão totalmente associadas. Conforme a própria autora reconhece na análise de um dos epigramas, muitos deles dão sinais de serem elaborações poéticas, cujos nomes dos supostos mortos são alegóricos.

Por fim, os possíveis horrores do mar nem sempre levavam à morte. O *quarto capítulo* traz uma análise daquilo que poderia dar esperança aos marinheiros: a ação das divindades e seus conhecimentos práticos. Novamente recorrendo com destreza à iconografia, Jourdan demonstra que mesmo em circunstâncias desastrosas, como em naufrágios, era possível sobreviver. As divindades, especialmente aquelas ligadas ao meio marítimo ou às técnicas náuticas, eram aliadas imprescindíveis para se lidar com a imprevisibilidade inerente ao mar. Entre elas, Atena é aquela que concede a *métis*, inteligência prática necessária à compreensão e resposta àquilo que está em constante mudança. Para lidar com o transitório e instável, são necessários ardis e astúcias à semelhança de Odisseu.

Dessa forma, a obra exibe grande fôlego em seus recortes cronológico e espacial, oferecendo uma perspectiva privilegiada para o imaginário grego e suas representações sociais. A autora também mostra grande capacidade de articular variados discursos em diferentes suportes (especialmente nos segundo e quarto capítulos). Com isso, o livro apresenta um estudo sobre as relações conflituosas e conflitantes que os gregos construíram com o mar, em suas potencialidades, incertezas e terrores. Seja através de monstros ou de fenômenos meteorológicos, cabia aos homens contarem com um conjunto de saberes e intervenções divinas para escapar à morte mais temida,

aquela distante dos seus. Entretanto, mesmo quando o maior dos temores se concretizava, era possível à comunidade agir para a manutenção da memória daqueles que não puderam ser fisicamente recuperados.

E como é lembrado de forma constante nos estudos tanatológicos, estudar sobre os mortos é, na verdade, estudar sobre os vivos. Da mesma forma, a maneira de se lidar com os mortos milenares da História Antiga, ou os tragicamente recentes, fala sobre nós mesmos. Se ainda é lícito à História fornecer qualquer lição ao presente, o livro de Jourdan possibilita que esta seja comunicada em um contexto tão necessário.